

## A MOTIVAÇÃO COMO UM FATOR DETERMINANTE DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

### MOTIVATION AS A DETERMINING FACTOR OF TEACHING AND LEARNING OF A FOREIGN LANGUAGE

Claudecy Campos NUNES  
(Universidade de Taubaté – UNITAU)  
claudecynunes@hotmail.com

**RESUMO:** Este artigo busca refletir sobre a motivação no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. Objetiva evidenciar a relevância da motivação no ensino e na aprendizagem de um idioma estrangeiro. Na realização deste trabalho, foram adotadas as contribuições teóricas de Dörnyei (2005), Gardner (2010), Hadfield e Dörnyei (2013), Lightbown e Spada (2013), Schwartz (2014), entre outros, da linha de pensamento relativa à motivação na aprendizagem de língua estrangeira. Concluímos que a motivação é um fator determinante do ensino e da aprendizagem de uma língua adicional, sendo considerada como um elemento central no processo de ensino-aprendizagem de línguas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua estrangeira; Ensino-aprendizagem; Motivação.

**ABSTRACT:** *This paper presents a theoretical reflection about the motivation in the foreign language teaching-learning process and aims at showing the importance of the motivation in teaching and learning of a foreign language. On this work, we adopt the theoretical contributions of Dörnyei (2005), Gardner (2010), Hadfield and Dörnyei (2013), Lightbown and Spada (2013), Schwartz (2014), among others, in relation to motivation in the foreign language learning process. We concluded that motivation is a decisive factor of teaching and learning of a foreign language, being considered a central element in languages teaching-learning process.*

**KEYWORDS:** *Foreign language; Teaching-learning; Motivation.*

## 0. Introdução

Este artigo está direcionado para a questão da motivação e sua relação durante o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira (doravante LE). Desse modo, no presente artigo, justifica-se uma reflexão teórica direcionada para o processo de aprendizagem de LE à luz de teorias motivacionais. Trata-se de um assunto que faz parte de nossa Dissertação<sup>1</sup> de Mestrado, a qual versou sobre a aprendizagem da língua inglesa em perspectiva comunicativa com o uso de jogos pedagógicos como uma estratégia de motivação para o aluno aprender uma LE.

Em um mundo globalizado, deve-se ter conhecimento de uma LE, tendo em vista que, hoje, o mundo global e tecnológico exige que estejamos predispostos a inovações. Nesse contexto, como bem enfatizam Giraldeello e Tedesco (2016: 35), “no qual as relações internacionais tornam-se cada vez mais frequentes, não somente é satisfatória uma boa expressão na língua vernácula, como também em uma língua estrangeira.” Assim, falar uma LE é um desafio, dado que nos possibilita ter acesso a novas descobertas e aos próprios recursos tecnológicos. Ademais, uma LE é um veículo de comunicação, essencial para quem quer conviver com pessoas de diferentes culturas e ter acesso a novos costumes e às raízes de outros povos.

Sendo assim, é importante a apropriação de um idioma estrangeiro porque a língua é multifacetada de acordo com diferentes contextos sociais, e nos possibilita conhecer os bens culturais e sociais que ela engloba. Pelo viés dos aspectos culturais de uma LE, Fernandes e Eiró (2013 apud Silva, 2019: 158) explicitam que

o aprendiz pode compreender as escolhas estruturais de outros sistemas linguísticos para dar conta do mesmo significado, sem que haja julgamento de valor, uma vez que a descoberta de inúmeras possibilidades de dizer enriquece os falantes e os torna mais aptos a participar do desafiador jogo social permeado pela linguagem.

Com base nisso, os bens culturais e sociais nos permitem acesso a informações em sentido lato, como uma inserção social mais qualificada, uma participação de práticas sociais às quais não teríamos acesso se não falássemos uma LE, entre tantas outras vantagens, além de termos acesso à literatura estrangeira. Acerca disso, “põe-se à tona o domínio de

---

<sup>1</sup> Dissertação intitulada “A utilização de jogos pedagógicos como uma estratégia de motivação para o aluno aprender a língua inglesa no Ensino Fundamental”, sob orientação da professora Dra. Maria José Milharezi Abud.

qual língua estrangeira, porquanto são diversas e cada uma tem suma relevância para a comunidade usuária” (Giraldello; Tedesco, 2016: 27).

Diante do exposto, o presente trabalho está voltado para a questão do ensino de LE à luz das teorias motivacionais, por ser um fator afetivo de relevante importância no processo de ensino-aprendizagem. A motivação na aprendizagem de um novo idioma tem sido um tema de numerosos estudos em diversas áreas desde a década de 1960. Nas palavras de Dörnyei, Csizér e Németh (2006: 9), a motivação é um termo “amplamente utilizado não apenas na vida cotidiana, mas também em muitas áreas das ciências sociais, [...] nos estudos educacionais e na linguística aplicada” (tradução nossa).

No contexto escolar, usa-se o termo motivação com referência ao grau de engajamento dos alunos no processo de aprendizagem. Nesse entendimento, é esperado que eles participem ativamente nas aulas com atenção, esforço, desejo e interesse. Dessa forma, a motivação do aluno está voltada para as suas “experiências subjetivas, especialmente aquelas ligadas à sua disposição de se engajar em atividades de aprendizagem e suas razões para fazê-lo” (tradução nossa) (Brophy, 2010: 3).

Convém mencionar que, embora exista na literatura a distinção entre motivação intrínseca e motivação extrínseca, neste trabalho usaremos o termo “motivação” no sentido de o aluno se envolver no processo de ensino-aprendizagem de LE para aprender. Nesse ponto de vista, para Brophy (2010: 12),

a motivação do aluno para aprender pode ser vista como uma disposição geral ou como um estado específico da situação. Como uma disposição, é uma tendência duradoura para valorizar a aprendizagem – para abordar o processo de aprendizagem com esforço e pensamento e procurar adquirir conhecimento e habilidade. Em situações específicas, um estado de motivação para aprender existe quando um aluno se envolve propositalmente em uma atividade, adotando seu objetivo e tentando aprender os conceitos e dominar as habilidades que desenvolve. (tradução nossa).

Com isso, a apropriação de múltiplas possibilidades de ensino para o aluno aprender uma LE é fundamental para o desenvolvimento de sua disposição motivacional e de seus próprios processos mentais, bem como para a qualificação pessoal e profissional quanto à inserção no mercado de trabalho, além da continuidade de estudos, entre outros benefícios. Nesse sentido, é necessário que o professor desenvolva um trabalho que, além de favorecer sua prática pedagógica, possa “incentivar os alunos a se engajarem em atividades com motivação para aprender” (tradução nossa) (Brophy, 2010: 3).

Partindo do pressuposto do quão importante é a motivação no aprendizado de uma LE, estabeleceu-se como objetivo deste estudo

evidenciar a relevância da motivação no ensino e na aprendizagem de um idioma estrangeiro. Nessa perspectiva, a pesquisa pretende responder à seguinte pergunta: A motivação é relevante no ensino e na aprendizagem de um idioma estrangeiro? Com base nessa indagação inicial, buscamos por saberes que pudessem oferecer respostas para a presente pesquisa.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho trata de uma revisão bibliográfica e, para tanto, está fundamentado nas contribuições teóricas de Böck (2008), Dörnyei (1998, 2001a, 2001b, 2005), Gardner (1985, 2001, 2010), Hadfield e Dörnyei (2013), Lightbown e Spada (2013), Okada, Oxford e Abo (1996), Schwartz (2014), Ushioda (1996), entre outros, da linha de pensamento relativa à motivação na aprendizagem de uma LE.

Enfim, como já foi mencionado, este trabalho pretende apresentar algumas reflexões teóricas relativas à motivação no ensino e na aprendizagem de LE. Para cumprir as metas estabelecidas, está organizado em três seções, a saber: A primeira seção apresenta a introdução, em que estão descritos o tema, o objetivo, a pergunta de pesquisa e o procedimento metodológico. Em seguida, a seção dois explicita pressupostos teóricos relativos à motivação e sua relação durante o processo de ensino-aprendizagem de uma LE. Por último, a seção três apresenta as considerações finais, em que será retomado o objetivo, bem como evidenciados alguns pontos da pesquisa, nesse contexto, considerados relevantes e dignos de reflexão. As referências bibliográficas finalizam este trabalho.

## **1. Motivação: fator determinante de uma aprendizagem exitosa de LE**

A motivação vem sendo estudada ao longo dos anos basicamente em duas direções, com a intenção de se conhecer melhor o comportamento do indivíduo em sociedade e os motivos que o impulsionam a agir. Assim, de um lado, há as teorias motivacionais em geral; de outro, as teorias motivacionais na aprendizagem de uma LE.

Dessa forma, por muito tempo, querer “entender por que fazemos as coisas que fazemos tem sido um objetivo dos psicólogos [principalmente]” (tradução nossa) (Sansone; Harackiewicz, 2000: 1). Paralelamente, esse objetivo, com propósito diferente da psicologia, se estendeu a outras áreas e, na área de aquisição de LE, conforme Gardner (1985), avaliou-se o ímpeto da motivação pela determinação da dimensão de esforço que alguém gasta na pretensão de aprender a segunda língua.

Para subsidiar a reflexão sobre como o aspecto afetivo-motivacional é apresentado no processo de aprendizagem de uma LE, primeiramente,

sobreleva-se a importância de compreendermos melhor o que é a motivação. Para isso, apresentam-se algumas definições desse termo.

Dörnyei (2001a) considera que motivação é um termo hipotético e abstrato que se utiliza para explicar por que as pessoas pensam e agem da maneira como o fazem. Evidencia ainda que esse termo inclui um grande número de motivos, que vão desde incentivos financeiros a crenças idealísticas, como no caso de um desejo de ser livre. Porém, tais motivos não são comuns, exceto o fato de que, na opinião de Dörnyei (2001a), todos têm influências no comportamento do indivíduo. Por tudo isso, é melhor considerar a motivação, de acordo com o autor, como um termo guarda-chuva, por abarcar uma amplitude de significados.

Assim, Dörnyei (1998) define motivação como um processo pelo qual evolui a soma de determinada força instigadora, que dá início ao agir e, assim, persiste até o aparecimento de outra força, a qual enfraquece a força anterior e, em consequência disso, findar a ação ou mantê-la até o alcance do resultado esperado. Complementando essa ideia, "a motivação é encarada como uma espécie de força interna que emerge, regula e sustenta todas as nossas ações mais importantes" (Vernon, 1973: 11).

Ainda nesta concepção, "a motivação produz a energia inerente às ações e aos comportamentos por ela desencadeados, que serão, geralmente, selecionados com base nas experiências prévias do sujeito" (Schwartz, 2014: 18). Sob outro ponto de vista mais abrangente, a motivação pode ser definida, de acordo com Ushioda (1996: 6), como

uma variável afetiva envolvida na realização do aprendizado de línguas. É afetiva no sentido de ser definida em termos de sentimentos e atitudes e de como estes estão presentes no relevante comportamento do aluno. Está envolvida na realização do aprendizado de línguas no sentido de que os alunos com maior motivação tendem a ser mais bem-sucedidos. (tradução nossa).

Diante do exposto, o termo motivação no processo de aprendizagem de uma LE se concebe como um "fenômeno complexo", como evidenciam Lightbown e Spada (2013), para o qual ainda não há uma definição abrangente e adequada. Ao se indagar o porquê do emprego desse termo para se descrever os estados afetivos do aluno durante tal processo, Dörnyei (2001a) menciona que, à primeira vista, pode-se supor que seja uma forma muito cômoda para se referir a essa questão extremamente complexa. Nessa lógica, compartilhamos com as ideias de Lorenzo Bergillos (2004) ao afirmar que os fatores afetivos, principalmente a motivação, passaram a ser um ponto de vista oportuno e que, por vezes, é pouco definido. Em vista disso, "quando os professores se referem à motivação como causa de não aprendizagem precisam estar

conscientes da complexidade do fenômeno e da ausência de consenso teórico sobre ele.” (Schwartz, 2014: 19).

Na tentativa de se entender uma acepção precisa sobre a motivação, encontra-se uma variedade de interpretações diferentes em diversas áreas do conhecimento. Nesse sentido, Gardner (2010) postula que a motivação é um termo multifacetado e que, por isso, não é passível de uma simples definição. A partir desse pressuposto, observa-se que as pessoas usam tal termo em uma amplitude de contextos tanto cotidianos como profissionais sem a mínima noção de que possa haver uma adversidade no seu sentido, e, assim, muitas concordariam com a hipótese de que a motivação denota algo de grande importância, segundo (Dörnyei, 2001b). Dessa forma, “é difícil avaliar a natureza e a força da motivação, já que os relatos verbais, embora empregados amplamente, não as revelam necessariamente de forma precisa.” (Vernon, 1973: 281).

Em linhas gerais, ser motivado significa, nas palavras de Ryan e Deci (2000), estar movido para a realização de algo, e que uma pessoa sem estímulo para agir é considerada desmotivada, ao passo que alguém que esteja energizado, ativado, com vistas a um propósito, é considerado motivado. A motivação está relacionada a fatores internos e externos ao indivíduo, e, normalmente, conforme Gardner (1985), engloba quatro aspectos, tais como um objetivo, um esforço, um desejo e atitudes favoráveis, relacionadas à atividade pretendida. No entanto, esses aspectos devem estar inter-relacionados para que alguém seja considerado motivado para a realização de uma atividade.

A partir dessas concepções, é possível depreender que a motivação se apresenta com distintas características e uma notável ligação com o processo de aprendizagem de uma LE (Gardner, 1985). Além disso, a motivação é algo que “deduzimos sua existência e sua natureza a partir da observação e experiência de comportamento” (Vernon, 1973: 11).

Enfim, mediante a complexidade a respeito da motivação, é de se constatar que possivelmente a única coisa relacionada a esse fator, e boa parte dos pesquisadores estaria de acordo, seria o fato de que ela se refere à direção e à magnitude do comportamento humano, quer dizer, a escolher certa ação individual; a persistir escolhendo-a; e o esforço gasto em tal força (Dörnyei, 2001b).

Com relação ao termo motivação no contexto escolar, para Gardner (1985), usa-se esse fator, com muita frequência, relacionado ao aprendizado de uma segunda língua. Assim, a motivação na aprendizagem de uma língua tem sido um tema de numerosos estudos em diversas áreas desde a década de 1960, e, segundo Ellis (2008: 677), “nenhum fator de diferença individual na aprendizagem de línguas recebeu tanta atenção como a MOTIVAÇÃO” (tradução nossa).

Em se tratando de motivação no processo de ensino-aprendizagem, há diferentes razões para se estudar uma LE. Às vezes, estudamos por razões práticas; outras, por uma afinidade pelo idioma. Em razão disso, professores de línguas e pesquisadores, em geral, reconhecem o importante papel que a motivação desempenha na aprendizagem de uma LE. Seja qual for a razão, é notório que as pessoas quando estão motivadas, conforme Gardner (2010: 8),

expressam esforço na consecução do objetivo, mostram persistência e atendem às tarefas necessárias para atingir os objetivos. Elas têm um forte desejo de atingir seu objetivo, e apreciam as atividades necessárias para alcançar seu objetivo. Elas estão despertadas na busca de seus objetivos, têm expectativa sobre seus sucessos e fracassos, e quando estão conseguindo algum grau de sucesso, demonstram autoeficácia. Estão autoconfiantes sobre sua conquista. Finalmente, elas têm razões para o seu comportamento, e essas razões geralmente são chamadas de motivos. (tradução nossa).

Como se pode notar, a motivação envolve sentimentos de realização, relacionada ao esforço, à persistência e ao desejo. Com isso, a pessoa motivada está despertada na busca do que pretende realizar e tem expectativa sobre seus sucessos e fracassos. Logo se percebe que a motivação vai partir de uma razão ou um motivo, que é aquilo que leva a pessoa a fazer alguma coisa.

Dessa forma, todos esses elementos, juntos, compõem um sistema de características estáveis necessárias à conquista de um determinado objetivo. Qualquer uma dessas características por conta própria não avalia adequadamente o nível da motivação. Dependendo do contexto motivacional, conforme Gardner (2010), algumas dessas características possuem uma visão de cognições, de afeto; outras, de comportamentos ou mesmo intenções de comportamentos.

Os principais estudos sobre a motivação no processo de ensino-aprendizagem de uma LE datam do início da segunda metade do século XX, quando Gardner e Lambert iniciaram suas pesquisas sobre esse fator afetivo em 1956. Nessa época, segundo Gardner (2001), não eram considerados totalmente importantes alguns conceitos, como atitudes, motivação e ansiedade.

Assim, as pesquisas sobre motivação foram se expandindo, dando espaço a discussões sobre seu papel no efetivo aprendizado de uma LE. Com isso, os estudos sobre esse fator afetivo, motivação, foi tendo espaço no contexto escolar, relacionando-se a outros fatores que também influenciam simultaneamente a motivação do aluno para aprender uma LE, como atitude, desejo, ansiedade, autoconfiança, esforço, entre outros. Dessa forma, Gardner (1985) postula que hoje o termo motivação diz respeito a uma combinação mútua de esforço e desejo com vistas ao

alcance do objetivo de aprender a língua em estudo, e que o esforço e o desejo estão associados a atitudes favoráveis à aprendizagem de tal língua.

Por esse viés, ao discutirmos sobre a motivação no processo de ensino-aprendizagem de LE, geralmente ela é vista como algo que tem uma evolução gradativa, por meio de um complexo processo mental que engloba planejamento e definição de metas iniciais, intenções, tarefas, implementação e controle de ação, e avaliação dos resultados (Dörnyei, 2001b).

O termo motivação significa aquilo que faz mover, ou seja, algo que leva o aluno a agir rumo ao alcance de objetivos. Neste ponto de vista, a motivação está relacionada também ao esforço. Porém, cabe ressaltar que o esforço por si só não culmina em motivação, como afirma Gardner (1985). Nesse contexto, é necessário que haja um conjunto de variáveis afetivas para que o aluno tenha êxito na aprendizagem de uma LE.

Além disso, "ainda que o conceito de motivação, como é entendido na Psicologia, se refira às razões pessoais que consciente ou inconscientemente orientam a atividade das pessoas em direção a alguma meta, [...], é preciso considerar outros fatores" (Schwartz, 2014: 16), como os fatores situacionais e sociais, por exemplo. Fatores situacionais, como indisciplina, infraestrutura da escola, a falta de merenda escolar, entre outros, podem diminuir a motivação do aluno para aprender não só uma LE, mas também outros componentes curriculares. Com base nisso, também uma atitude negativa que seja relacionada à língua-alvo ou à cultura dessa língua pode impossibilitar que o aluno se engaje e persista, bem como prejudicar o nível de atividade, conforme os postulados de Okada, Oxford e Abo (1996).

Em linhas gerais, no contexto do processo de ensino-aprendizagem de uma LE, para Okada, Oxford e Abo (1996), a motivação torna-se importante para a aprendizagem de língua pelo fato de ela ajudar a determinar o grau de envolvimento do aluno nesse processo. Entretanto, para que o aluno se envolva no processo de ensino e de aprendizagem, "é necessário despertar a intenção de aprender, fazer com que ele perceba a necessidade e o significado do conhecimento, e que essa intenção seja mais forte que outras" (Schwartz, 2014: 53).

Nesse sentido, à medida que os alunos se mostrem motivados para aprender uma LE, as possibilidades de sucesso no aprendizado da língua-alvo aumentarão significativamente, pois eles agem para que sua aprendizagem flua. Nessa perspectiva, Bzuneck (2009: 26) reforça que "o papel do professor em classe [...] é o de prevenir a ocorrência de condições negativas, como o tédio crônico, a apatia ou a alta ansiedade e, mais do que tudo, desenvolver e manter a motivação positiva da classe como um todo, série após série".



Em sala de aula, indubitavelmente, o termo motivação é usado com muita frequência por professores que trabalham com línguas para se referirem ao sucesso ou ao fracasso dos alunos (Hadfield; Dörnyei, 2013). É o termo empregado muitas vezes “na tentativa de explicar/compreender o porquê de uma ação” (Schwartz, 2014: 18), por parte do aluno, para realizar certas metas. Na verdade, um dos grandes desafios do professor na sala de aula é conseguir manter a motivação dos alunos ao longo do processo de ensino-aprendizagem.

No contexto escolar, quando se diz que um determinado aluno está motivado, logo se imagina alguém entusiasmado, que possui boas razões para aprender e que estuda com muito esforço e perseverança, visando a alcançar seus objetivos predeterminados. Por conseguinte, se o objetivo for o aprendizado de uma LE, a motivação se justifica pela ação, pela intencionalidade e pela tomada de decisões com relação à aquisição e ao uso de um código linguístico diferente (Lorenzo Bergillos, 2004).

A motivação é relevante em qualquer contexto de aprendizagem, e a pessoa motivada pode conseguir seu propósito. Em certos momentos, a motivação do aluno está condicionada à motivação do professor na sala de aula. Sem dúvida, a motivação desse profissional é um fator importante, na medida em que, conforme Dörnyei (2005), ela influencia significativamente a disposição motivacional do aluno e, de modo mais geral, a sua aprendizagem.

Nessa perspectiva, por um lado, no processo de aprendizagem, é preciso que o professor faça uso de atividades que estimulem os alunos a aprender, pois se essas atividades forem entendidas como desnecessárias e ou desinteressantes, o nível de atividade e de empenho do aluno diminuirá (Okada; Oxford; Abo, 1996). Por outro lado, o professor deve ter cautela na aplicação dessas atividades para não ocasionar desmotivação nos alunos, e estes se sentirem fracassados em suas capacidades de aprendizagem.

Por esse âmbito, isso pode causar redução da expectativa de sucesso e destruição da possibilidade de uma recompensa, propiciando diminuição da vontade do aluno de ficar atento ou de ter persistência na aprendizagem de línguas (Okada; Oxford; Abo, 1996). Partindo desse pressuposto, é fundamental ressaltar que, se por um lado, a motivação é considerada uma característica categórica para determinar uma aprendizagem bem-sucedida, por outro, as habilidades dos professores em instigar a motivação nos alunos devem se destacar como essenciais para a eficácia do ensino (Hadfield; Dörnyei, 2013).

Na verdade, pesquisas mostram que, dentre os problemas que dificultam um aprendizado bem-sucedido de uma LE, os que estão relacionados à motivação dos alunos “são a segunda fonte de dificuldade mais grave (depois de manter a disciplina da sala de aula), precedendo

outras questões obviamente importantes, como o uso efetivo de diferentes métodos de ensino ou o conhecimento do assunto” (tradução nossa) (Hadfield; Dörnyei, 2013: 1).

Nesse contexto, para que a motivação propicie um aprendizado eficiente, “os alunos precisam valorizar o aprender como um objetivo pessoal, buscando auferir o maior proveito do processo de aprendizagem, acolhendo de boa vontade todas as condições de exigência que ele contenha” (Bzuneck, 2009: 26). Com isso, entende-se, acrescentando o que propõe Schwartz (2014: 15) ao considerar que “a motivação adequada para o ensino e aprendizagem se manifesta quando existem, por parte dos alunos, indicadores de: a) interesse; b) envolvimento; c) esforço; d) concentração; e) satisfação”, diretamente relacionados às metas que estes têm em vista.

Com tal entendimento, parece necessário que todos esses indicadores estejam intimamente ligados, para que o aluno tenha um bom desempenho, ou seja, a ausência de um desses elementos seria condição suficiente para o insucesso na aprendizagem de uma LE. Em outros termos, os alunos que estão motivados para aprender não necessariamente acham as atividades de sala de aula “intensamente prazerosas ou excitantes, mas as consideram significativas e valiosas, e, portanto, levam-nas a sério tentando obter os benefícios pretendidos de enriquecimento e capacitação delas” (tradução nossa) (Brophy, 2010: 12). Assim, com base nesses indicadores, o aluno deve focar um motivo para querer aprender a língua em estudo; participar ativamente das atividades aplicadas em sala de aula; empenhar-se com vistas ao aprendizado dessa língua; deixar de lado tudo aquilo que pode desviar sua atenção; e deve ter prazer de participar do momento das aulas.

Enfim, para que se estimulem a motivação e o interesse dos alunos a quererem aprender uma LE, “deve-se pensar quais são as suas necessidades, ou como fazer para provocá-las e para suscitar suas carências. O desafio está em fazer o aluno desejar o que lhe é oferecido em sala de aula pelo professor” (Böck, 2008: 17). Neste sentido, concordamos com o entendimento de que “o clima da sala de aula é composto pela configuração dinâmica das variáveis do contexto criado pelo professor que, ao interagir com as características pessoais dos alunos, influi na motivação para aprender” (Schwartz, 2014: 54).

## **2. Considerações finais**

Este trabalho apresentou uma pesquisa direcionada para a questão da motivação no processo de ensino-aprendizagem de LE. Tal pesquisa

trata de uma revisão bibliográfica, e teve como objetivo evidenciar a relevância da motivação no ensino e na aprendizagem de um idioma estrangeiro.

Ao refletir sobre as discussões acerca da importância da motivação e sua relação durante o processo de ensino-aprendizagem no âmbito escolar, com base nas sustentações teóricas, consideramos que esse fator é determinante do ensino e da aprendizagem de uma LE, sendo considerado um elemento relevante para engajar o aluno no processo de aprendizagem de um novo idioma. Nesse âmbito, constatamos que “a motivação é um elemento central juntamente com a aptidão para línguas em determinar sucesso na aprendizagem de outra língua na sala de aula” (tradução nossa) (Gardner, 2001: 3).

Ressalta-se, além do que já foi mencionado ao longo deste trabalho, que a motivação para aprender uma LE pode estar relacionada, também, a duas razões básicas: por um lado, às necessidades de comunicação que os aprendizes possuem; por outro, às atitudes de tais aprendizes, referentes ao convívio na comunidade da segunda língua (Lightbown; Spada, 2013). Outrossim, convém mencionar que, durante várias décadas, a investigação sobre motivação na área de aquisição de segunda língua foi influenciada, de um modo rigoroso, pelo trabalho de Gardner, juntamente com seus associados (Brown, 2001).

Ainda, Segundo Lightbown e Spada (2013), Gardner e Lambert (1972) introduziram em seus estudos dois tipos de motivação, quais sejam: motivação instrumental e motivação integrativa. Porém, Brown (2001) chama atenção para dois pontos importantes em relação a esses termos. A primeira observação está relacionada ao emprego da palavra motivação nessa dicotomia instrumental/integrativa, quando nos referimos a esses estudos. Afirma que a investigação não enfocou uma dicotomia de motivação, mas sim uma bifurcação de orientação. Dessa forma, denomina esse par oposto em orientações integrativas e orientações instrumentais. Distinguindo a diferença entre o que seja motivação e o que seja orientação, ele explicita orientação como sendo um contexto ou propósito, relacionados ao desejo de aprender; já a motivação está relacionada à intensidade desse desejo para aprender a LE.

Referindo-se a tais terminologias controversas, Brown (2001) afirma que uma orientação integrativa tem um mero sentido de o aprendiz buscar por uma segunda língua com finalidades sociais ou até mesmo culturais e, dentro desse fim, pode ocorrer que tal aprendiz seja altamente motivado nessa busca ou que possua um baixo nível de motivação. Em outras palavras, os aprendizes com motivação integrativa querem aprender o idioma de uma determinada comunidade para

entenderem e conhecerem melhor as pessoas e as culturas dessa comunidade.

Por outro lado, na opinião desse autor, em uma orientação instrumental, os aprendizes estudam uma língua com um fim adverso à orientação integrativa, ou seja, estão estudando uma língua para uma promoção de meta de carreira ou com finalidades acadêmicas. Em outros termos, os alunos com tal motivação querem aprender uma LE em função de uma razão prática, como obter um bom emprego ou entrar na faculdade.

Nesse sentido, muitos aprendizes de uma LE, ao visarem a um emprego, por exemplo, têm uma clara motivação instrumental para o aprendizado dessa língua: querem adquirir boa fluência como requisito para ingresso no mercado competitivo de trabalho. Entretanto, assim como na orientação integrativa, na instrumental, para o autor, a intensidade do interesse do aprendiz para alcançar um objetivo também pode ser afetada por um nível alto ou baixo de motivação.

A segunda observação de Brown (2001) está relacionada ao fato de que muitos confundem a definição de orientações integrativas e instrumentais como motivação intrínseca e extrínseca, respectivamente. Para o autor, esses pares dicotômicos são questões completamente distintas. Dessa forma, ele explicita que enquanto a dicotomia orientação integrativa *versus* orientação instrumental faz referência tão somente ao contexto da aprendizagem, a dicotomia motivação intrínseca *versus* motivação extrínseca faz designação a um conjunto de possibilidades de intensidade sentimental ou impulsiva, incluindo tanto as recompensas profundamente internas, quanto as recompensas fortes e administradas externamente.

Portanto, reiterando afirmações anteriormente apresentadas neste estudo, a análise das contribuições teóricas parece não deixar dúvida que a motivação é um fator que influencia o indivíduo para a aprendizagem de uma LE, e que ela está direcionada para o alcance de objetivos traçados. Entretanto, é pertinente ressaltar que mesmo o objetivo sendo o foco da motivação, ele também é um componente motivacional que não se pode medir (Gardner, 1985).

## **Referências bibliográficas**

- BÖCK, V. R. *Motivação para aprender e motivação para ensinar: reencantando a escola*. Porto Alegre: CAPE, 2008.
- BROPHY, J. *Motivating students to learn*. 3rd ed. New York: Taylor & Francis, 2010.
- BROWN, H. D. *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy*. 2nd ed. New York: Longman, 2001.

NUNES, Claudecy Campos. A motivação como um fator determinante do ensino e da aprendizagem de uma língua estrangeira. *Revista Intercâmbio*, v. XLIII: 18-31, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

BZUNECK, J. A. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Org.). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 9-36.

DÖRNYEI, Z. Motivation in second and foreign language learning. *Language Teaching*, v. 31, n. 3, p. 117-135, 1998. Disponível em: <<https://www.zoltandornyei.co.uk>>. Acesso em: 16 out. 2015.

\_\_\_\_\_. *Motivational strategies in the language classroom*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Teaching and researching motivation*. London: Longman, 2001b.

\_\_\_\_\_. *The psychology of the language learner: individual differences in second language acquisition*. London: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

DÖRNYEI; CSIZÉR, K.; NÉMETH, N. *Motivation, language attitudes and globalisation: a Hungarian perspective*. Toronto: Multilingual Matters Ltd, 2006.

ELLIS, R. *The study of second language acquisition*. 2nd ed. Oxford: Oxford University Press, 2008.

GARDNER, R. C. *Social psychology and second language learning: the role of attitudes and motivation*. London: Edward Arnold, 1985.

\_\_\_\_\_. Language learning motivation: the student, the teacher, and the researcher. *Texas Papers in Foreign Language Education*, v. 6, n. 1, p. 1-20, 2001. Disponível em:

<[www.eric.ed.gov/ERICWedPortal/recordDetail?accno=ED464495](http://www.eric.ed.gov/ERICWedPortal/recordDetail?accno=ED464495)>. Acesso em: 15 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. *Motivation and second language acquisition: the socio-educational model*. New York: Peter Lang, 2010.

GIRALDELLO, A. P.; TEDESCO, A. L. (Re)pensando o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. *Entretextos*, Londrina, v. 16, n. 1, p. 25-42, 2016. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/17601/20009>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

HADFIELD, J.; DÖRNYEI, Z. *Motivating learning*. London: Pearson Education Limited, 2013.

LIGHTBOWN, P. M.; SPADA, N. *How languages are learned*. 4th ed. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LORENZO BERGILLOS, F. J. La motivación y el aprendizaje de una L2/LE. In: SÁNCHEZ LOBATO, J.; SANTOS GARGALLO, I. (Dir.). *Vademécum para la formación de profesores*. Enseñar español como segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE). Madrid: SGEL, 2004. p. 305-328.

OKADA, M.; OXFORD, R. L.; ABO, S. Not all Alike: motivation and learning strategies among students of Japanese and Spanish in an

NUNES, Claudecy Campos. A motivação como um fator determinante do ensino e da aprendizagem de uma língua estrangeira. *Revista Intercâmbio*, v. XLIII: 18-31, 2020. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

exploratory study. In: OXFORD, R. L. (Ed.). *Language learning motivation: pathways to the new century*. Honolulu: University of Hawaii, 1996. p. 105-119.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. Intrinsic and extrinsic motivations: classic definitions and new directions. *Contemporary Educational Psychology*, n. 25, p. 54-67, 2000. Disponível em:

<<https://www.journals.elsevier.com/contemporary-educational-psychology>>. Acesso em: 03 jun. 2017.

SANSONE, C.; HARACKIEWICZ, J. M. Looking beyond rewards: the problem and promise of intrinsic motivation. In: SANSONE, C.; HARACKIEWICZ, J. M. (Eds.). *Intrinsic and extrinsic motivation: the search for optimal motivation and performance*. London: Academic Press, 2000. p. 1-9.

SCHWARTZ, S. *Motivação para ensinar e aprender: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, F. M. da. O ensino de língua inglesa sob uma perspectiva intercultural: caminhos e desafios. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 58, n. 1, p. 158-176, 2019. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132019000100158](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132019000100158)>. Acesso em: 29 nov. 2019.

USHIODA, E. *Learner autonomy: the role of motivation*. Dublin: Authentik, 1996.

VERNON, M. D. *Motivação humana*. Tradução: Luiz Carlos Lucchetti. Petrópolis: Vozes, 1973.